

RESENHA

PRIMEIRAS LETRAS, PRIMEIRA LEITURA: PRÁTICAS DE ALFABETIZADORES DE JOVENS E ADULTOS

CARVALHO, Marlene. *Primeiras letras: alfabetização de jovens e adultos em espaços populares*. São Paulo: Ática, 2009.

Este trabalho possui o intuito de apresentar o livro *Primeiras Letras: Alfabetização de jovens e adultos em espaços populares*, de Marlene Carvalho. O livro, publicado em 2009, é dividido em três partes distintas, apresentadas a seguir.

A primeira parte, composta de dois capítulos, apresenta um apanhado histórico sobre as campanhas de alfabetização no Brasil desde 1947. Com respaldo na legislação educacional, nas campanhas governamentais e na revisão histórica, a autora aborda, no capítulo de abertura, os avanços da alfabetização no Brasil. Logo em seguida, Carvalho apresenta o programa de alfabetização da UFRJ para jovens e adultos, nos espaços populares do Complexo da Maré-RJ, durante o biênio de 2004-2005: os objetivos, os pressupostos e a formação dos alfabetizadores.

A segunda parte é dividida em quatro capítulos, que enfocam propostas, didáticas, esforços e relatos de quatro alfabetizadores de EJA (Educação de Jovens e Adultos). Suas experiências com a alfabetização, as posturas como professor e suas metodologias são analisadas junto com a produção de seus alunos. Os capítulos recebem o nome de cada alfabetizador: Joaquim, Fabiano, Beatriz e Shirléia. Cada capítulo inicia-se com uma pequena biografia do educador que o nomeia para, em seguida, apresentar seus feitos. Nesta parte, são analisadas as propostas pedagógicas dos professores, respaldadas nos relatórios de cada um e são expostos ainda os trabalhos de produção textual realizados em sala de aula.

No terceiro capítulo, intitulado *Joaquim*, a autora ressalta a didática do educador e o seu método, que se baseiam nas propostas de Paulo Freire. Carvalho destaca a posição do alfabetizador diante da turma:

Para Joaquim, o problema mais preocupante da prática pedagógica foi lidar com uma turma muito heterogênea, com diferentes níveis de conhecimento da leitura. Foi também difícil atender às demandas constantes de atenção dos alunos que o solicitavam a cada momento, “como crianças” (p. 74).

As dificuldades no exercício docente do iniciante professor Joaquim são expostas e analisadas, bem como as atividades de escrita cumpridas com os alunos. Neste capítulo, a autora se aproveita dos exemplos de textos dos alunos de Joaquim para fazer uma minuciosa apreciação crítica da aquisição da escrita por alunos de EJA.

Neste texto, daremos um maior enfoque ao quarto capítulo, denominado “Fabiano: amorosidade e conscientização” (p. 89-100). Essa parte do texto traz um recorte de um caso peculiar, já percebido no título: um alfabetizador preocupado com seus alunos e o uso da pedagogia do amor como principal alicerce da formação dos alunos de EJA. Carvalho analisa a prática metodológica de Fabiano, poeta por instinto, filósofo por formação e alfabetizador de jovens e adultos por opção. O amor incondicional exposto em toda a trajetória de Fabiano como educador atrai a atenção dos leitores. Sob um ponto de vista ético, esta paixão deveria pautar a prática diária dos educadores de modo geral. Um amor fundamentado na alteridade, que objetive a consciência e dignidade de todos. Em sua prática profissional, encontramos diversos elementos e, aos poucos, somos levados a uma profunda reflexão enquanto seres humanos, envolvidos na complexa dimensão de um processo educativo.

A primeira impressão do leitor a respeito do alfabetizador é dada pela autora quando nos relata que destaca o trabalho de Fabiano pela amorosidade:

O tratamento amoroso de Fabiano com os alunos não se confunde com pieguice, sentimentalismo ou condescendência. Manifestava-se pela compreensão do outro como indivíduo único, com uma história, com um passado (Carvalho; 2009. p. 90).

Já no início do texto, percebemos que Fabiano atua com grande dedicação ao trabalho de alfabetizador. Ao longo da leitura, por meio dos relatos, compreendemos melhor esta relação de dedicação. Fabiano preocupa-se, individualmente, com seus alunos, seja pelas experiências de alfabetização mal sucedidas, seja pelo compromisso em renovar o método Paulo Freire de alfabetização em cada etapa:

Fabiano permaneceu ligado aos pressupostos teóricos político-pedagógicos de Paulo Freire, na medida em que deu voz aos alunos, dialogou com eles, respeitou suas decisões, ajudou-os a se organizar, abordou questões sociais da vida na Maré (p. 94).

Em seu discurso e prática, é grande a liberdade que ele dá a seus alunos. Percebemos que sua sala é lugar para falar e discutir temas – uma novidade para aquelas pessoas e motivo de grande estranheza pois, na condição social a que pertencem, estão habituados a simplesmente aceitar aquilo que têm e a não pensar muito sobre a realidade em que vivem, pois pensar leva a sentir e sofrer. O professor Fabiano apresenta uma forma especial de se relacionar com os alunos, numa busca constante da identidade de cada um por meio de suas origens, histórias e sofrimentos.

Com a leitura desse capítulo, deparamo-nos com um professor que acredita que fazer pensar é ponto determinante para a construção do conhecimento em suas aulas e nos momentos de discussão em grupo, nos quais se torna evidente a participação de seus alunos na vida social e política do país. Fabiano é um alfabetizador próximo de seu alunado, inserindo-se nas discussões como indivíduo conhecedor da realidade de favela, conhecedor de seus problemas.

Depois de ser mal compreendido em um episódio e enfrentar a desistência de duas alunas, Fabiano refletiu sobre a maneira que estava conduzindo a turma, frustrando-se e afligindo-se. Problemas com a entrada de novos alunos e a subsequente heterogeneidade da turma levaram o alfabetizador a reinventar seu método, aplicando os princípios de Paulo Freire, tanto no respeito à diversidade da turma quanto no diálogo frequente. Fabiano tem consciência de que pessoas não são meros números postos diante de uma política pública. São pessoas com nomes e origens. São pessoas, logo possuem histórias a contar. Estar, pois, disposto a ouvi-las é um processo fundamental capaz de ressignificar suas identidades e fazê-las construir um novo percurso.

Percebe-se, no discurso de Fabiano, um compromisso ideológico, no qual o trabalho converge para a construção de um mundo mais igualitário e justo. O exercício de perceber o outro, seu olhar e seu mundo, e vê-lo como par, em um processo conjunto de construção de conhecimento, é determinante na prática de valorização dos saberes cotidianos. Fabiano sente, sofre, ri e sensibiliza-se com cada uma daquelas pessoas. É grande sua amorosidade, contrastando com a dura realidade da favela - um choque que o tempo todo é evidenciado para os leitores.

É na emoção de alfabetizar que Fabiano respalda-se para efetuar seu trabalho de educador. E é com ele que percebemos que a pessoa certa no lugar certo produz valiosos frutos. Fabiano ensinou-lhes as letras, ensinou-lhes a formar suas primeiras palavras, mas seu maior ensinamento foi o resgate da autoestima de cada uma daquelas pessoas, trazendo o amor para vidas sofridas.

O quinto capítulo é destinado à análise do trabalho desenvolvido pela alfabetizadora Beatriz, que inicia seu trabalho observando os alunos antes da ação. Um exemplo disso é a escolha da palavra geradora do método de Paulo Freire para sua aula:

Escolheu a palavra geradora *novela* e conheceu seus primeiros alunos, um grupo de oito mulheres e cinco homens. (...) A respeito das “palavras geradoras”, Beatriz afirma que procurou conhecer o universo cultural de seus alunos e identificar palavras que tivessem um sentido pertinente à vida deles (p. 110).

Suas observações possibilitaram o registro da história de seus alunos e de seus sonhos. Ao final do capítulo, Carvalho observa a produção escrita dos alunos de Beatriz e expõe os exemplos das atividades realizadas em sala de aula, extraídos dos relatórios da alfabetizadora. Esta parte é um rico material de apoio para os professores de EJA dinamizarem suas classes com atividades sobre alfabetização e letramento.

Já o sexto capítulo aborda a experiência de Shirléia e o impacto que teve ao entrar no complexo de favelas da Maré:

Tendo vivido em bairros populares, as experiências de vida de estudo e de trabalho ajudaram Shirléia a sentir grande empatia pelos moradores da Maré. Ainda assim, a alfabetizadora descobriu algumas coisas novas ao penetrar naquele território cercado de má fama e de interdições. (...) Shirléia, no entanto, mostra-se surpresa ao constatar que os analfabetos à sua volta eram pessoas comuns, tipos que ela encontrava em torno de si, do seu ambiente social (p. 121-122).

A percepção de que seus alunos eram pessoas comuns produziu um maior contato com eles, proporcionando passeios ao Jardim Zoológico e ao Teatro Municipal, ou seja, lugares tão próximos e distantes ao mesmo tempo. Ao planejar a “aula cultural”, Shirléia dedicou-se aos seus alunos e apresentou locais próximos para conhecerem, gerando a ampliação das alternativas para seu crescimento cultural. Com o intuito de aproximar-se da vida dos moradores da Maré, Shirléia decidiu visitá-los antes do início das aulas e, de certa forma, participar da vida e do cotidiano de seu alunado.

A terceira parte propõe-se a ser um auxílio aos professores de EJA. Há dois capítulos: um sobre ortografia e outro sobre reflexões de alfabetizadores para outros alfabetizadores.

O sétimo capítulo vem como subsídio para professores no que tange à temática do ensino de ortografia. Nesta parte, é tecida uma discussão acerca das dificuldades de ensino, oferecendo propostas de apoio aos professores alfabetizadores, em um momento em que o assunto está em pauta por conta do novo acordo ortográfico entre os países lusófonos. Esse capítulo surge como uma análise global do processo de alfabetização dos quatro professores da Maré que, em seus relatórios, reclamavam da dificuldade de ensino de ortografia.

O último capítulo constitui-se em uma conclusão da pesquisa de Carvalho, apresentando as observações sobre a formação do professor de EJA e as contribuições do Programa de Alfabetização da UFRJ para Jovens e Adultos de Espaços Populares, desenvolvido na Maré.

Primeiras Letras: alfabetização de jovens e adultos em espaços populares poderia ser a primeira leitura para a formação do professor de educação de jovens e adultos, por ser um suporte didático com orientações e exemplos dos alfabetizadores do programa da UFRJ. Assim, aprende-se com a prática.

Os educadores do projeto em destaque foram capazes de perceber a insegurança de seus educandos, demonstrando coragem e grande humildade, ao buscar inovar. Em todos os relatos, percebemos o poder constitutivo e construtivo da leitura. A leitura é aqui percebida como experiência e, ao sair de seu *locus*, os educadores motivaram novas experiências, novas leituras, novas possibilidades. Indubitavelmente, esta experiência salienta como o trabalho com Educação de Jovens e Adultos pode tratar de questões atuais cumprindo um papel formador.

Leonardo Barros Medeiros

Universidade Católica de Petrópolis (2009)

leonardolettras@gmail.com